

A nasalidade em Katukina e em outras línguas pano

(The nasality in Katukina and others Pano languages)

Maria Sueli de Aguiar*

Resumo: O estudo desenvolvido é uma análise preliminar sobre a nasalidade ocorrida na língua Katukina da família Pano. Nessa análise propomos uma interpretação fonológica e uma outra sintática. Na primeira, estamos postulando que no Katukina tem apenas vogais orais que podem vir seguidas ou não de uma consoante nasal. O que tomamos para propor essa interpretação são alguns dados trissílabos de línguas mais antigas (Chácobo) do que o Katukina, que é dissilábico, que sofreu a queda de um núcleo no passado. Na análise sintática é trabalhado brevemente a ergatividade que é manifestada no Katukina e em outras línguas Pano através de uma consoante nasal.

Palavras-chaves: Línguas Pano. Fonologia. Nasalidade. Ergatividade.

Abstract: This article is about nasality in Katukina, a Pano language. It aims at interpreting the phonological and syntactic nasality in some Pano languages, such as Katukina, Nukini, Chacobo, Nawa, Huariapano, Amahuaca and others. Ergativity in some of the Pano languages is also dealt in this article.

Key words: Pano languages. Phonology. Nasality. Ergativity.

0 Introdução

O que nos propomos neste estudo é tecer algumas possíveis interpretações da nasalidade no Katukina-Pano e relacioná-la a outras línguas Pano.¹

* FL-Universidade Federal de Goiás.

¹ Agradeço as contribuições do Prof. Wetzels nas discussões sobre a nasalidade. Devo lembrar que as decisões neste artigo são de inteira responsabilidade do autor do mesmo.

Antes de iniciarmos a discussão sobre a nasalidade, propriamente dita, faremos uma apresentação do grupo indígena Katukina e uma breve descrição de sua situação sociolingüística. Depois disso, abordaremos de forma objetiva a fonologia Katukina pertinente à nasalidade.

Após tratarmos da sílaba, falaremos da nasalidade em geral e argumentaremos quanto à nasalidade no Katukina. Faremos ainda uma comparação dessa língua a outras línguas Pano, a saber, Poyanáwa, Nukini, Náwa, Chácobo e outras, visando transparecer a nasalidade dentro de uma perspectiva histórica, tratando da genealogia das línguas.

A seqüência deste artigo obedecerá à seguinte ordem: (1) O grupo Katukina; (2) Fonologia Katukina; (3) Divisão silábica; (4) Nasalidade; (4.1) Sílaba CV; (4.2) Fronteira silábica; (5) O *n* em Onset e em Coda; (6) Marca de ergatividade; além das Considerações finais e das Referências Bibliográficas.

1 O grupo Katukina

A comunidade Katukina é formada por 350 pessoas, aproximadamente, vivendo em uma única área indígena, a reserva do Olinda no Município de Cruzeiro do Sul no Estado do Acre. Anteriormente, até 2001, essa comunidade vivia em duas áreas, ambas no Acre.

A área tradicional indígena dos Katukina, a do Sete Estrelas, no Município de Tarauacá, foi deixada por eles, passando a viver com os demais que já se encontravam na reserva do Olinda, desde a construção da BR-364 em meados de 1970. Essa última reserva tem, já constituída, quatro aldeias, a do Campinas, a do Martim, a do Samaúma e a do Bananeira. Sendo nessa última onde se concentraram quase todos vindos do Sete Estrelas – Aldeia do Gregório.²

A língua Katukina vem sendo fortemente influenciada pela língua portuguesa desde o “ciclo da borracha” continuando até nossos dias. Atualmente, o processo de influência do português tem aumentado devido ao contato diário desses índios com o português. Sabemos que qualquer língua é sensível a todos os acontecimentos que afetam o povo que a fala. Nesse sentido, vale relatar que em meados de 1984 até 1994 o uso do Katukina pela comunidade era exclusivo. Apenas alguns poucos homens adultos-jovens

falavam o português; e essa fala se dava em situações de extrema necessidade, por exemplo, se precisassem atender alguém não-katukina que chegasse à aldeia e esse alguém fosse falante do português.

Hoje, 2002, essa realidade está bastante diferente, já existem crianças que falam o português e o utilizam em suas brincadeiras na aldeia. É sabido que esse é um dos sintomas mais fortes de perda de prestígio da língua para a comunidade lingüística. Essa afirmação se baseia na observação feita em várias idas às aldeias desse povo. Apesar de termos constatado esta situação, os professores indígenas Katukina dizem categoricamente que não. Vemos isso como um ótimo sintoma, pois vemos que há vontade entre eles de manter o prestígio da língua nativa.

A relevância de citar a situação sociolingüística atual dos Katukina é a de dar-nos uma explicação das mudanças lingüísticas nesse grupo que nos pareceram mais aceleradas nesses últimos tempos, tendendo até a comprometer estruturas lingüísticas. Nesse sentido, compromete inclusive a constância, por exemplo, da marca de ergatividade que é expressa pela nasalidade.

2 Fonologia Katukina

A língua Katukina apresenta 19 segmentos fonológicos sendo 15 consonantais e 4 vocálicos. Para melhor visualizar, apresento estes segmentos como esquema segundo o lugar de articulação dos mesmos.

p	t	k
	ts tʃ	
β	s ʃ ʒ h	
m	n	
	r	
y	w	
i	ɨ	u
	a	

² Os Katukina que haviam se mudado do Sete Estrelas decidiram voltar para o lugar de origem depois de muitos debates. Essa decisão se deu nos meses de julho e agosto de 2002.

Todos os segmentos consonantais podem ocupar a posição de Onset e em Coda, os segmentos que podem ocorrer são *s*, *r*, *ʃ*, *ʒ*, *y*, quer dizer, todos os segmentos coronais contínuos, mais o */n/* e este, por sua vez, é que será o centro de nossa discussão, quando argumentaremos que ele é, em termos teóricos, historicamente um Onset de uma sílaba cujo núcleo se perdeu por razões que não nos preocupam neste artigo.

Na língua Katukina não é admitido que nenhuma posição da sílaba seja preenchida por mais de um segmento, ou seja, não é permitido nem Onset, nem Núcleo e nem Coda complexo. Nesse momento nos ocuparemos apenas do que vem em Rima – R.

Para detalhar Rima, necessitamos esclarecer que o Katukina é uma língua dissilábica e oxitona (Aguiar, 1994), isto é, os itens lexicais básicos nessa língua contêm duas sílabas e o acento é fixo na última sílaba do item lexical.

Quanto à afirmação de os itens lexicais serem dissilábicos, devemos esclarecer que aqueles itens lexicais que se manifestam com mais de duas sílabas são itens que sofreram processo de agregação de afixo ou se trata de itens compostos. Estas três possibilidades de formação de itens lexicais no Katukina são ilustradas com os dados que seguem:

(1) *Item lexical básico: dissilábico (s's)*

[ma'i]	/mai/	mai	'terra'
[mes'ki]	/miski/	miski	'pedra'
[ʃu'moʃ]	/ʃumuʃ/	ʃumuʃ	'espinho'
[piʃ'tʃa]	/piʃtʃa/	piʃtʃa	'pequeno'
[na'i]	/nai/	nai	'céu'

(2) *Item lexical básico mais afixo:*

– *sufixo (s-s's)*

[tʃabi'tʃa]	/tanpiʃtʃa/	tan-piʃtʃa	'pequeníssimo' (intensificador+pequeno)
[uima'ni]	/wimani/	wi-mani	'banana nanica' (qualificador+banana)
[nai'tʃu]	/naytʃu/	nay-tʃu	'andorinha' (céu+modificador)

– *prefixo (s s'-s)*

[seno'te]	/sinuti/	sinu-ti	'serrote'
[otepa]	/utipa/	uti-pa	'muito' (muito+classificador adjetival)

(3) *Item lexical básico mais item lexical básico (s s'-s' s)*

[iʃika'to]	/iʃikatu/	iʃi-katu	'cipó' (envira+dobrar)
[patʃiβi'me]	/patʃiβimi/	patʃi-βimi	'biribá' (mole+fruta)

O acento proeminente do item lexical, básico ou não no Katukina ocorre sempre na última sílaba como mostram os dados já expostos. Quer dizer, independente de qualquer processo de agregação de afixo ou de composição, o acento tônico incidirá sempre na última sílaba. Essa característica de acento fixo na última sílaba parece ser comum à grande maioria das línguas Pano, com ressalvas seguras para Marinhua e Chácobo.

Vale chamar a atenção para o fato de que essa última, o Chácobo, estrutura seus itens lexicais básicos com três sílabas enquanto que o Katukina estrutura esses mesmos itens com apenas duas sílabas. Por exemplo, o termo 'tatu' se expressa em Chácobo *yawifi* /ya.wi.fi/ e em Katukina *yawif* /ya.wif/ e o termo 'braço' para a primeira é *poyami* /po.ya.mi/ na última é *puyan*³ /pu.yan/.

3 Divisão silábica

Segundo a literatura, a sílaba básica contém duas posições – Onset e Rima. Essa última, potencialmente, se desdobra em outras duas posições – Núcleo e Coda. Essas posições – Onset, Núcleo e Coda – podem ser ocupadas ou não, com exceção do Núcleo. Quanto ao Katukina, vale mencionar que esta língua só permite sílabas com preenchimento simples de cada uma dessas posições – (Onset) Núcleo (Coda).

Com a existência de um núcleo, a divisão silábica das línguas obedece à seguinte ordem: primeiramente o Núcleo busca uma consoante à sua esquerda para preencher a posição de Onset, depois dessa busca, esse mesmo Núcleo buscará à sua direita um segmento para preencher a posição de Coda. Isso se faz necessário para a definição dos elementos em cada posição da sílaba e estruturação da mesma. Depois de definida a ordem destes elementos, define-se com transparência os segmentos consonantais que serão licenciados em Onset e em Coda. Por exemplo, em Katukina termos como [auá] /awá/ necessariamente deverá ser dividida *a.wa* 'anta' e nunca **aw.a*, da mesma forma que [aiás] /ayaʃ/ divide-se *a.yaʃ* e não **ay.aʃ* 'embira'. Nesses casos o *i* e o *u* em fronteira silábica serão assumidos como *y* e *w*.

³ A marca de nasalidade está representada com /N/ admitindo o que propõe Mattozo, o qual reconhecemos como arqui fonema. Ele nasaliza a vogal que o antecede. Porém, no decorrer da análise usaremos o /n/ por simples opção representativa.

4 Nasalidade

Segundo Loos (1985, p. 62), "Las nasales /m/ y /n/ están confirmadas por los reflexos de /m/ e /n/ en todas las lenguas (Pano)". Quer dizer, a nasalidade é reflexo, em termos de proto, de /m/ e /n/. Para este autor (idem, p. 63), nas línguas dessa família lingüística, a sílaba final CV que era historicamente composta de m ou n mais uma vogal, resultou apenas em marca de nasalidade nas vogais que precediam esta sílaba final CV. Pois o segmento vocálico se perdeu e os segmentos m e n só permaneceram por combinar com a sílaba precedente. Essa combinação se evidencia com a ocorrência de nasalidade em final de sílaba.

Desta forma, estamos interpretando que nas línguas Pano tenham vogais nasais somente no nível fonético, não importando se o segmento nasal que havia era, historicamente, /m/ ou /n/. Essa questão será melhor analisada mais adiante, ainda neste artigo (ver 5).

A nasalidade das vogais nas línguas em geral apresenta duas manifestações estruturais, uma em que a nasalidade é própria da vogal e outra que resulta do contato da vogal com uma consoante nasal adjacente (Battisti e Vieira, 1999). Por exemplo, a nasalidade em Francês é uma característica intrínseca das vogais, enquanto, no caso do Português brasileiro a nasalidade é transmitida por uma consoante nasal na coda da mesma sílaba (campo) ou pela consoante nasal da sílaba seguinte (cama) para a vogal precedente e, conseqüentemente, originária do contato entre vogais orais e consoantes nasais, apesar do fato que Câmara Jr. (1970) considera que, na primeira situação, a nasalidade seja contrastiva e no outro caso alofônica. Claramente, a noção de contrastividade na terminologia usada por Câmara Jr. deve ser entendida numa perspectiva estruturalista, como contrastividade 'superficial' e não 'profunda' (ver Wetzels, 1997).

Essa interpretação reforça o que propomos para as vogais nasalizadas no Katukina. Pois, estamos assumindo que a vogal quando se manifesta nasalizada, se trata de um caso de nasalidade contrastiva no sentido de Câmara, quer dizer, de uma nasalidade superficial que deriva do contato entre uma vogal oral e uma consoante nasal na Coda que não se realiza foneticamente, comparável ao caso do Português do Brasil. Isto é, uma vogal só é nasalizada se e somente se uma consoante nasal vier imediatamente após essa vogal, estando ambas dominadas pelo mesmo nó de R(ima) (ver especificação em 2).

4.1 Sílaba CV

A noção de sílaba base - CV - pode ajudar-nos a evidenciar que as vogais no Katukina são somente orais e não nasais. Propomos interpretar que a nasalidade na língua Katukina seja analisada como vogal oral que sofre nasalização pelo segmento nasal. Ele pode ser, historicamente, /m/ ou /n/ quando fazia parte de uma sílaba bem formada, CV - Consoante Vogal - no caso aqui NV ou nV.

Por hora, nos interessa provar que no Katukina só há nasalidade derivada de uma consoante na posição de Coda. Com esse intuito podemos ver o fenômeno de apócope que elimina um núcleo silábico final de palavra, e por isso, a própria sílaba, final de item lexical ou não. A consoante da sílaba CV, quando perde o núcleo, faz com que a consoante que ficou agregue-se à sílaba anterior. Ela, quando se trata de um, ao ser absorvida por essa sílaba anterior, resultará em uma estrutura CVC, onde o C na Coda representa o Onset da sílaba cujo Núcleo foi apagado.

Assim, a consoante, nasal ou não, que ocupava a posição de Onset passa a ocupar a posição de Coda. Quer dizer, essa Coda, /m/, /n/ ou qualquer outra consoante, representa o Onset da sílaba - CV - cujo Núcleo - V - foi apagado. Segue esquema:

CV.CV.CV=> CV.CVC

CV CV CV

CV CVC ø

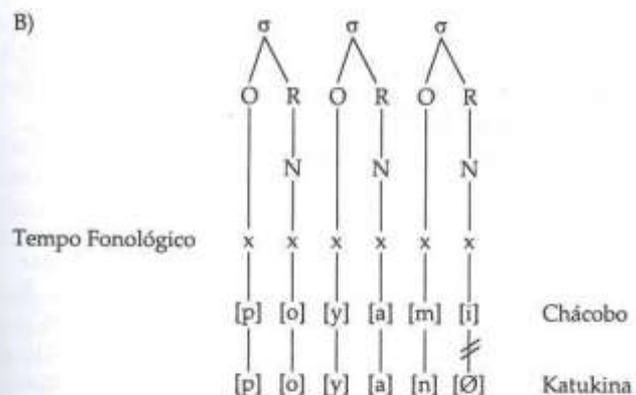
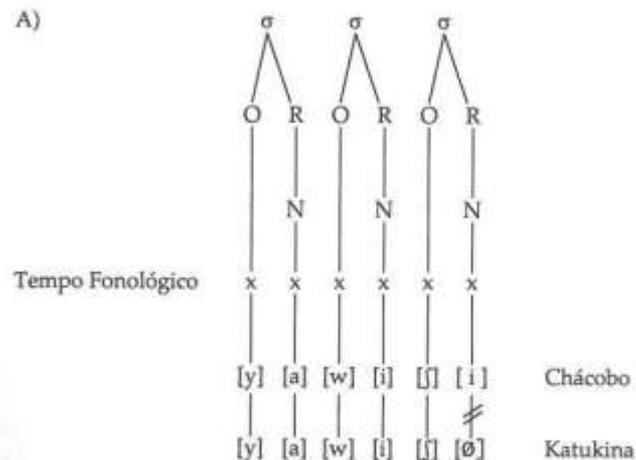
A proposta é que, se temos uma sílaba CVC, no Katukina ela era anteriormente CV.CV. Isso nos leva a assumir que qualquer elemento que se posicione em Coda, posicionou-se historicamente em Onset de sílaba CV. Propomos, portanto, que uma sílaba de estrutura CVC venha de uma estrutura bissilábica CV.CV. Para comprovar isso, mostramos termos em Katukina, um terminado em consoante /ʃ/ [iau'íʃ] /yawí/ 'tatu' e dois outros terminados com vogal nasal, [po'yã] /poyan/ 'braço' e [a'mē], e /amen/ 'capivara' como segue comparando a outras línguas Pano:

1) 'tatu'	/yawifi/ /yawifθ/	Chácobo Katukina
2) 'braço'	/poyami/ /poyanθ/ /poyãθθ/	Chácobo Katukina, Capanahua, Huariapano. Shipibo-Conibo
3) 'capivara'	/ʔamino/ /ʔamiθθ/ /θamiθθ/ /ʔam inθ/ /θamenθ/	Chácobo Cashibo Cachinahua, Amahuaca Capanahua Katukina

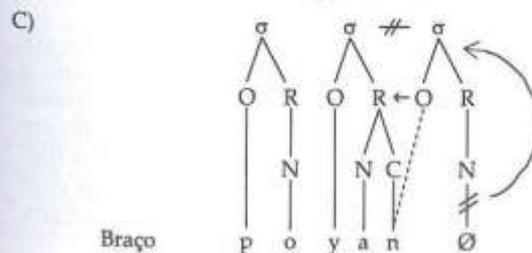
Podemos ver que a língua Katukina tem um tempo fonológico a menos que a língua Chácobo em quase todos os itens lexicais (o núcleo final de palavra). Nós supomos que o processo de nasalização em Katukina pode ser entendido de uma maneira paralela. A antiga consoante nasal no Onset do núcleo, que foi historicamente apagado, se junta fonologicamente à vogal que precede, mas não realiza seu tempo fonológico. Entretanto, ela mostra sua presença fonológica pelo espriamento do traço [nasal] para a vogal precedente. Ilustraremos o processo de rissilabificação com os dados que seguem.

Vejam, então, um esqueleto silábico (A) com perda de Núcleo da última sílaba, tendo na posição de Onset um segmento consonantal não nasal, e um outro esqueleto (B) que sofreu a mesma perda de Núcleo mas tendo na posição de Onset um segmento consonantal nasal. Ambos esqueletos apresentam dados de duas línguas, assumidas por nós e outros estudiosos de Pano, como aparentadas. Esses esqueletos evidenciam o processo de alteração na estrutura silábica CV para C e só podendo se manter se se prender a uma outra sílaba. Se ela for CV se torna CVC, se for V passa a VC. Ou seja, um item lexical trissílabo (Chácobo) passa a dissílabo (Katukina):

CV.CV.CV => CV.CV.C[V] => CV. CVC.



Para ilustrar, em forma de esqueleto silábico, podemos sugerir (C) em que a σ ao perder seu Núcleo leva o Onset a assumir a posição de Coda. Então, vejamos (C):



Como vimos, nos exemplos acima, pela ausência do núcleo final de palavra nos dados do Katukina em relação ao Chácobo, torna-se transparente que não há vogais nasais na primeira língua – Katukina – e sim, há somente vogais nasalizadas. É importante afirmar aqui que o /n/ representa absorção da nasalidade das consoantes nasais, tanto do /m/ quanto do /n/. Essa afirmação vai ao encontro do que diz Loos (1978) quando trabalha no Pano Reconstruído – PR.

No caso da língua portuguesa, é sabido que existem muitos argumentos nos mostrando que a consoante nasal realmente existe fonologicamente, por exemplo, a regra do acento que trata a vogal nasal contrastiva como uma sílaba pesada. Segundo alguns artigos de Wetzels, um desses argumentos é o fato que certas alternâncias existem nessa língua, mostrando a consoante nasal na realidade fonética, como exemplo esse autor cita *impossível* e *inacreditável*. Na primeira palavra, só há nasalidade do [i], sem consoante nasal pronunciada, no segundo, quando a raiz começa com vogal, a consoante vira Onset, se pronuncia realmente o [i] que não se nasaliza. Seria bom ter argumentos deste tipo em Katukina, mas por hora não dispomos. Porém, faremos uma busca de dados com ocorrência desse tipo de nasalidade. Desta forma fica apenas como hipótese a ser confirmada em um outro momento.

4.2 Fronteira silábica

A fronteira silábica nos parece fundamental para argumentar em favor da não existência de vogal nasal no nível fonológico. E isso porque, diferente do que acontece com o Português, quando o segmento nasal na língua Katukina se mostra dentro de um domínio silábico forte, ele não consegue contaminar o segmento que está à sua esquerda, se esse pertencer a sílabas diferentes.

A fronteira silábica representa um limite entre os segmentos protegendo assim o segmento vocálico da nasalidade. Ela só incide no domínio da sílaba na qual se encontra. Apresentaremos alguns dados em Katukina para ilustrar esse domínio silábico.

Em português sempre haverá contaminação intersilábica como vemos, por exemplo, no termo 'cana' que ele se realiza com o primeiro a nasalizado ['kãna] e nunca oral *[kana]. Esse contexto do termo para o Katukina se realiza sempre oral, por exemplo em [a'na] /ana/ que é "língua" ao invés de *[ã'na]; 'trovão' que é [ka-ná] e não *[kãna]. Assim, nesses e em outros casos de sílabas com Núcleo nasal no nível fonético essa nasalidade poderá ser marcada na Coda.

Na língua Katukina os segmentos vocálicos altos – /i/ e /u/ – funcionam como Onset se preceder qualquer segmento vocálico – /i + u a/ – eles vão se realizar como /j/ e /w/. E esses mesmos segmentos vocálicos altos irão automaticamente para Coda quando for precedido por qualquer segmento vocálico da língua. Isto é apoiado ao fato de que não há posição complexa na estrutura silábica, isto é, só temos um segmento em cada posição silábica. Recorrendo a dados hipotéticos, obedecendo a regra do Katukina, teríamos o que segue:

- 1) [iii] /iyi/
- 2) [uuu] /uwu/.

A posição de Coda sendo legítima na língua e não admitindo posição complexa na sílaba parece mais plausível não ter Núcleo nasalizado no nível fonológico, caso acreditemos que a nasalidade sobrecarregue-o. Estas observações reunidas ao fato de que não há contaminação intersilábica pode-se dizer que a nasalidade do nível fonético poderá ocupar a posição de Coda e ser representada por /n/.

Essas noções básicas de sílabas e fronteira silábica deverão facilitar nossa discussão sobre onde localizar a nasalidade na estrutura silábica como veremos na sequência que cremos ser fundamental para posicionar essa nasalidade de forma mais concreta.

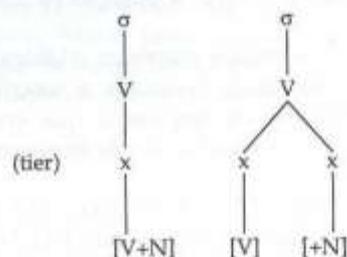
Como já dissemos, na língua Katukina e em várias outras línguas, há somente vogais orais ou vogais nasalizadas. E isso pelo fato de as vogais absorverem o traço de nasalidade dos segmentos consonantais nasais /n/ ou /m/. Apesar disso, queremos dizer que essa absorção de traço nasal só ocorre depois que esse segmento perde o estatuto de Onset. Pois, como já dissemos, na língua Katukina não há qualquer possibilidade de processo de absorção de traço nasal entre sílabas. Tomemos como base para essa afirmação uma língua que estrutura seus itens lexicais com mais de duas sílabas, como é o caso de Chácobo. Essa língua nos permite assegurar que os elementos de uma sílaba não sofrem influência dos de outras sílabas, a não ser dela própria.

Caso estejamos corretos na afirmação acima, conseqüentemente, assumiremos também que a vogal nasalizada no Katukina não é um processo de assimilação. Nessa língua a nasalidade não se dá a partir de Onset somente estando em Coda por um processo de apagamento da vogal, restando uma consoante na Coda, a

qual se manifesta deixando uma prova da sua existência fonológica nesta posição e no nível fonético. E isto se dá marcando a vogal precedente, já que cremos que não há contaminação intersilábica. Podemos confirmar essa colocação com os dados que seguem:

[ka'naʔ]	/kana/	'trovão'
[ma'niʔ]	/mani/	'banana'
[na'miʔ]	/nami/	'carne'
[pa'maʔ]	/pama/	'fruta do mato da região'

Estamos postulando que, teoricamente, a vogal nasalizada no Katukina seja mais longa que as orais, isto é, uma vogal oral tem um tempo fonológico, vogal menos nasal [v-nasal] e vogal nasal tem dois tempos fonológicos, vogal mais nasal [v+nasal]. Como ainda não testamos em laboratório, assumiremos essa posição somente para efeito de análise interpretativa das vogais nasalizadas foneticamente. Assim, em termos de estrutura, estamos nos permitindo propor a representação que segue:



Após nossa explanação, é possível se perguntar o seguinte, se a nasalização não ocorre dentro de uma vogal, é de se supor que essa nasalização seja pronunciada através de uma consoante nasal. E que a nasalidade no final de uma sílaba é realmente a consequência da queda do núcleo de uma consoante nasal. Estamos admitindo que haja essa ocorrência, porém, se faz necessário testá-lo em laboratório de igual forma.

5 On em Onset e em coda

A discussão sobre se os segmentos fonológicos vocálicos são nasais ou nasalizados iniciamos desde 1984 quando começávamos a trabalhar com a língua Katukina. Depois de observar os dados nessa língua e achar um tanto raro uma duplicação do

quadro das vogais, um oral e outro nasal, além de nos parecer uma análise pouco econômica. Assim, assumimos (Aguiar, 1985, 1988 e 1994) que haveria somente um quadro de vogais, sendo elas todas orais; elas, por sua vez, poderiam ser seguidas de consoante nasal ou não. O que difere Barros (1987) da nossa interpretação é o fato de que esta autora opta por dois quadros de vogais, um de vogais orais e outro de vogais nasais.

Para argumentarmos em favor da nossa intuição inicial, que é a de que no Katukina as vogais eram vogais orais nasalizadas e não vogais nasais, recorremos à fonologia métrica em meados de 1991 dentro do que se refere à sílaba.

Vimos que na língua Matis, também Pano (Ferreira, V., 2000 e Ferreira, R., 2001) ocorre o mesmo processo que verificamos no Katukina, as vogais são orais e podem ser nasalizadas. Da mesma forma apontamos a língua Shanenáwa (Cândido, 1998), Capanahua, Huariapano, e outras. Dentre elas estamos postulando a mesma interpretação para Náwa (Aguiar, inédito), Nukini (Aguiar, inédito), Poyanáwa (Aguiar, A., inédito) e Yawanawá (Sousa, inédito). Mas ficamos de aprofundar mais essas análises.

Todavia, apresentaremos alguns itens lexicais de línguas Pano que evidenciam ocorrência de nasalidade. Seguem exemplos:

'lago'	/tʃana/ /ian/	Matis [tʃʰna] Huariapano
'canoa'	/noti/ /nōti/ /nonti/	Marinahua, Chácobo Amahuaca, Cashibo, Sihpibo-Conibo Katukina, Capanahua [nū'te]
'flutuar/pato'	/nono/ /nonon/ /nonoti/	Katukina (pato) [no'no] Huariapano (pato) Pano Reconstruído (flutar)
'vermelho'	/jonjshin/ /hoʃini/ /hiʃin/ /winʃin/ /onʃin/	Huariapano Capanahua Shipibo-Conibo Amahuaca Katukina, M [ū'ʃi]
'macaco prego'	/ʃintu/ /ʃinun/ /ʃidu/ /ʃinu/	Náwa [ʃi'do] Nukini [ʃinū] Poyanáwa [ʃi'do] Marubo [ʃi'no]

'cachorro'	/kaman-tin/	Náwa	[kamʒ'ɗi]
'onça'	/kaman/ /inun/	Katukina Nukini, Náwa	[ka'mʒ] [i'nũ]
'porco do mato'	/unun/ /annun/	Náwa Nukini	[u'nũ] [ʒ'nũ]
'mutum'	/asin/ /ansin/ /ransin/	Poyanáwa Náwa Nukini	[ʒ'si] [ʒ'si] [rʒ'si]
'peito/seio'	/hunman/ /sunma/	Nukini Katukina	[hũ'mʒ] [ʒ'ũ'ma]
'rabo/anus'	/jina/ /hinya/	Nukini Katukina	[hĩ'na] [hĩ'ia]

Deveríamos marcar quais vogais são foneticamente nasais e quais não são, porém o faremos apenas daquelas que temos acesso aos dados lingüísticos, os quais fizemos transcrição fonética, pois das demais só temos a forma já analisada com sua interpretação fonológica. Mas vale lembrar que com os dados que transcrevemos logo acima dará para saber a forma profunda, com consoante nasal e ao lado a forma fonética, sem consoante nasal mas com vogal nasalizada.

6 Marca de ergatividade

As línguas Pano estudadas até o momento são todas ergativas e essa ergatividade é expressa pela nasalidade. Porém, os estudos sobre essa ergatividade nessas línguas ainda são pouco acessíveis. Dentre as línguas que temos conhecimento, a língua Katukina é a de que mais temos dados e que melhor podemos discutir. Desta forma, vejamos como essa marca de ergatividade se manifesta nessa língua.

Inicialmente, devemos dizer que o que chamamos de ergativo é referente à distinção que algumas línguas fazem quanto ao sujeito da oração transitiva em relação ao sujeito da oração intransitiva. Isto é, uma língua é classificada como ergativa quando ela marca o seu sujeito distinguindo-o quando é de uma transitiva de uma intransitiva. Normalmente, o sujeito de intransitiva se manifesta igualmente ao objeto.

No que se refere à língua Katukina, ela é uma língua ergativa, como várias outras línguas Pano. O sujeito de oração transitiva (OT) é marcado com nasalidade que representamos com consoante nasal e essa consoante nasal incide na última sílaba do termo. Vejamos o exemplo que segue:

Oração Intransitiva (OI): awa paketai 'A anta caiu.'
[auá paketa'ʃ]

Oração Transitiva (OT): awa-n mani piai 'A anta come banana.'
[au'ã na'mí pia'ʃ]

O interessante é observar que o termo-sujeito tem sempre a última vogal nasalizada para marcar que é sujeito de uma OT, como mostra [auá] awa em oposição a [auã] awan. Vejamos como fica quando temos um termo que na sua forma básica tenha a última vogal nasalizada.

Quando o termo-sujeito de OT originalmente termina com consoante nasal acontece um processo mais elaborado. Ao invés de apenas acrescentar uma consoante nasal na última vogal, faz-se necessário agregar uma vogal e mais uma consoante nasal. Vejamos nos dados abaixo o que acontece com a consoante nasal que marca o sujeito em OI e depois em OT. Dentre os dados disponíveis, utilizaremos um exemplo que é o termo [ka'mã] kaman 'cachorro'.

OI - kaman naʃiki 'O cachorro latiu.'
[ka'mã na ʃi'ki]

Como nessa frase não é possível expressar a consoante nasal duas vezes numa vogal só, a língua recorre à inserção de uma vogal, não ferindo assim o seu padrão silábico, o qual pode se esquemematizar da seguinte forma [CVn] + n => [CVn.nVn], mas não * [CVnn]. Isso pode ser apreciado nas frases abaixo:

OT - kaman-nan nami piai 'O cachorro come carne.'
[kamã'nã na'mí pia'ʃ]

OT - *kamann nami piai 'O cachorro come carne.'

Considerações finais

Os dados Pano evidenciam que a nasalidade nas línguas dessa família é um dos produtos de mudança. Essas mudanças não são sem norte, sempre há uma seqüência lógica. Assim, o que queremos é verificar essa seqüência ou pelo menos dar subsídio para que possamos fazer novas investigações nesse sentido.

Por hora, podemos apresentar alguns argumentos, resumidamente, que usamos para assumir que não há segmento vocálico intrinsecamente nasal em Katukina e, provavelmente, em várias outras línguas Pano. Esses argumentos são:

1. Não há contaminação intersilábica, ou seja, as sílabas têm seu próprio domínio interno. A fronteira silábica precedente não afeta a qualidade do núcleo da sílaba antecedente e vice-versa. Isso é visto nos dados com sílaba de núcleos orais apesar de fazerem fronteira com consoantes nasais como em (a) e (b):

- a) [na'miʔ] /nami/ 'carne'
 b) [ma'niʔ] /mani/ 'banana'

2. As sílabas são autônomas por isso, se o núcleo de uma delas for foneticamente nasal, ele poderá ser interpretado fonologicamente como núcleo oral seguido de coda nasal sem ônus para a sílaba seguinte. Assim, /vn/ ⇒ [ṽ];
3. Quanto à marca de ergatividade expressa pela nasalidade, podemos dizer que, quando ela incide em uma sílaba final de um item lexical que é foneticamente oral, a nasal passa a ser [ṽ]. Consequentemente, podemos representar a marca morfo-sintática como /n/, que na fonética causa uma vogal nasal por estabilidade /v+n/ → [ṽ];
4. Quando a última vogal do termo-sujeito já se manifesta com nasal na sua forma básica e é sujeito de uma (OT), ele deve se acrescentar à marca de ergatividade. Então, há necessidade de uma seqüência como /vn+n/. Esta seqüência provoca uma epêntese, criando a estrutura intermediária /vn+vn/ e a forma fonética sai [ṽñṽ]. Os fatos parecem mostrar que a marca morfo-sintática é somente o traço [+nasal] que se junta a uma vogal oral. Porém, se no nível fonético a vogal já for nasal, é acrescentada uma vogal antecedendo a nasal referente à ergatividade por meio de epêntese. Como estamos interpretando as vogais nasais no nível fonético, podemos dizer que no nível fonológico se trata de vogal oral mais uma consoante epentificada [n] para evitar o hiato.

Em outras palavras, dizemos que o núcleo de uma sílaba final de item lexical recebe mais uma nasalidade no nível sintático. Haverá a agregação de mais uma sílaba de núcleo seguido de nasal como mostra o item lexical que significa 'cachorro/onça'. Em Katukina temos,

1. [kamã] /kaman/
 2. [kamãnã] /kaman nan/

Historicamente, as línguas Pano parecem ter sofrido uma perda do núcleo final dos termos. Isso leva-nos a pensar na teoria das árvores quando se propunha ver a genealogia das línguas. Pois bem, partindo dessa ótica podemos verificar que determinadas línguas sofreram menos mudanças que outras. Por isso, poderíamos supor que são as primeiras línguas, as mais velhas, e as outras, que apresentam maiores marcas de mudanças, seriam as línguas mais novas. E ainda, podemos deduzir que dentre elas há aquela que é referência para a reconstrução das outras em quase todos os casos de comparação (Tarallo, 1990). Parece que a mais cotada para ser ponto base para essa reconstrução é o Chácobo.

Nós a elegemos pelo fato de que é essa língua que apresenta vários itens trissílabos e que em comparação com outras é ela que nos garante comprovar as perdas sofridas pelas demais línguas Pano. No caso aqui, ela nos assegura que, se não todas as línguas Pano, pelo menos uma grande parte delas têm somente as marcas deixadas pelo processo de perda de Núcleo como é o caso de muitas marcas de nasalidades no âmbito do item lexical.

Referências

- AGUIAR, Maria S. de. *Elementos de descrição para uma gramática do Katukina*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas: UNICAMP, 1988.
- . *Fontes de pesquisa e estudo da família Pano*. Campinas: UNICAMP, 1994a.
- . *Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano*. Tese de Doutorado em linguística, Campinas: UNICAMP, 1994b.
- AGUIAR, A. P. *Lexicografia Poyanáwa*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Goiânia: UFG, 2002.
- BARROS, L. *A nasalização vocálica e fonológica introdutória à língua Katukina (Pano)*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas: UNICAMP, 1987.
- BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Problemas de linguística descritiva*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- . *Estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CÂNDIDO, Glaucia V. *Aspectos fonológicos da língua Shanenáwa (Pano)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1998.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

- FERREIRA, Rogério V. *Língua Matis: aspectos descritivos da morfossintaxe*. Dissertação de Mestrado, Campinas: UNICAMP, 2001.
- FERREIRA, Vitória Regina S. *Língua Matis (Pano): uma análise fonológica*. Dissertação de Mestrado, Campinas: UNICAMP, 2000.
- GARCIA, M. *Estudos lingüísticos Yawanawá*. Dissertação de Mestrado em Lingüística, Goiânia: UFG, 2002.
- LOOS, E. E. Pano. In: DIXON, R.; AIKHUNVOLD, A. (Orgs.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- JAKOBSON, Roman. *Fonema e fonologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972. v. 2.
- MORAES, J. A.; WETZELS, W. L. Sobre a duração dos segmentos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 153-166, jul.-dez. 1992.
- ROSETTI, A. *Introdução à fonética*. 3. ed. Mem Martins: Europam, 1974.
- TARALLO, F. *Tempos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1990.
- WETZELS, W. L. The lexical Representation of Nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, 9, p. 203-232, 1997.
- . (1988) Contrastive and Allophonic Properties of Brazilian Portuguese vowels. *Selected paper from the Linguistic Symposium on Romance Languages 18*. Amsterdam: Benjamins.